



**XV SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**SIMPÓSIOS TEMÁTICOS 2021**

## Simpósio 01 - Dimensões do Regime Vargas e seus desdobramentos

### Coordenadores:

**Dr. Orlando de Barros (UERJ)**

**Dr. Thiago Mourelle (ANRJ)**

### Resumo:

Procurando refletir a respeito dos desdobramentos da chamada Revolução de 1930, este simpósio objetiva reunir pesquisas sobre as transformações significativas ocorridas no Brasil de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954, quando Getúlio Vargas ocupou o cargo máximo do Poder Executivo Federal.

Poucos períodos da história do Brasil deixaram uma herança tão extensa e duradoura. O intuito do ST é fomentar a troca de conhecimento entre os historiadores que abordam esse período a partir de análises culturais, políticas, econômicas ou sociais. São bem-vindos trabalhos que versem sobre qualquer aspecto relacionado às ações empreendidas pelos governos provisório, constitucional, ditatorial do Estado Novo e democrático de Vargas, bem como sobre os reflexos que essas medidas tiveram no âmbito regional dos diferentes estados.

Poderão participar também pesquisadores que estudem as oposições e as resistências aos projetos apresentados pelo grupo político de Vargas nos quase vinte anos em que o político gaúcho esteve no cargo de presidente, tais como análises a respeito das disputas pelo poder e das perseguições sofridas por lideranças sindicais, escritores e jornais.

O ST também aceita pesquisas realizadas sobre períodos subsequentes ao supracitado, desde que suas temáticas sejam desdobramentos de questões desenvolvidas durante os governos de Vargas, como o trabalhismo e a CLT, por exemplo. Cientes da importância do Regime Vargas para a História do Brasil e certos de que muitos dos acontecimentos desse período influenciaram significativamente o país nas décadas seguintes, convidamos todos que tenham objeto de pesquisa correlato ao simpósio e que queiram se juntar ao debate.

### Bibliografia:

BARROS, Orlando de. *Custódio Mesquita - Um compositor romântico no tempo de Vargas (1930-45)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

CARONE, Edgard. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991.

D'ARAUJO, Maria Celina (org.). *As instituições brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Ed. FGV, 1999.

FERREIRA, Jorge. (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOURELLE, Thiago Cavaliere; FRAGA, André Barbosa. *Olhares sobre o governo Vargas*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco (1930-64)*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

## **Simpósio 02 - História Social das Propriedades: urbana, rural, material, industrial e intelectual**

### **Coordenadores:**

**Dr<sup>a</sup>. Marina Monteiro Machado (UERJ)**

**Dr. Mario Sérgio Ignácio Brum (UERJ)**

**Dr. Pedro Parga Rodrigues (SME-RJ)**

### **Resumo**

Comumente naturalizada no senso comum, os direitos de propriedade possuem uma trajetória descontínua. Assim, na assertiva de Paolo Grossi, é preciso evitar uma abordagem “monocultural” ou anacrônica no estudo das formas em que os seres-humanos se relacionam com as coisas. Para o autor, ainda é necessário evitar uma visão exclusivamente estatista ou economicista deste ente histórico, sob o risco de se perder de vista os direitos existentes para além do instituído pelos órgãos e documentos oficiais. Já a historiadora catalã Rosa Congost, nos lembra a necessidade de evitar o uso da palavra propriedade no singular, reduzindo-a à sua vertente hegemônica, estatizada e/ou legalizada. Dito de outra forma, é preciso abordar histórica, cultural e socialmente os diferentes regimes proprietários, bem como as diversas noções de apropriação existentes ao longo da história.

Nesta perspectiva, é importante olhar historicamente as noções de propriedade, percebendo como as diferentes concepções são elaboradas nos conflitos de cada localidade e temporalidade. Márcia Motta, importante referência nesta perspectiva, destaca a importância de estudar os conflitos sobre a questão proprietária localmente, percebendo como as diferentes partes envolvidas nos embates fundiários acionam noções de direito e de pertencimento distintas. Se isto é verdade para as áreas rurais, também no contexto urbano são forjados cotidianamente leituras distintas acerca das relações entre os seres-humanos e o território. Com relação à propriedade industrial e intelectual também existem muitos debates em torno dos direitos de propriedade. Neste sentido, a preocupação da autora em ressaltar a pluralidade das fontes jurídicas e das leituras destes significantes em cada contexto histórico ganha relevância também em outros contextos. O estudo da propriedade passa a ser reconhecido como uma abordagem da história social.

Em resumo, propomos aqui reunir pesquisadores interessados no estudo das propriedades em suas múltiplas dimensões: urbana, rural, material, industrial, intelectual, entre outras. São bem-vindas propostas interessadas nas noções de propriedades circulantes nos conflitos fundiários, em comunidades camponesas, nos territórios urbanos, no Estado, nas instituições governamentais, em diferentes sociedades de diversas épocas, em obras de arte, etc. Serão privilegiados trabalhos que abordem historicamente a propriedade, mas também dos debates interdisciplinares, desde que não naturalizem a perspectiva de propriedade hegemônica na contemporaneidade.

## Bibliografia

- BRUM, Mario Sergio. **Cidade Alta: Histórias e memórias da remoção e a construção do estigma de favela num conjunto habitacional**. Rio de Janeiro: Ponteio Edições, 2012.
- CONGOST, Rosa. **Tierras, leyes, história: estúdios sobre la gran obra de la propiedad**. Barcelona: Crítica, 2007.
- DEZEMONE, Marcus. **Do cativo à reforma agrária: colonato, direitos e conflitos (1872-1987)**. Tese de Doutorado. Niterói: PPGH-UFF, 2008.
- GROSSI, Paolo. A propriedade e as propriedades na oficina do historiador. In: GROSSI, Paolo. **História da propriedade e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Renovar, 2006.
- GOMES, Â. de C., PANDOLFI, D. C.; LINHARES, Maria Yedda e TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **Terra Prometida**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- MACHADO, Marina. **Entre Fronteiras: posses e terras indígenas nos sertões (Rio de Janeiro 1790-1824)**. Guarapuava; Niterói: Editora Unicentro; EDUFF; Editora Horizonte, 2012.
- MACHADO, Marina Monteiro (Org.); MARTINS, Mônica de Souza Nunes (Org.); MARTINS, W. S. N. (Org.). **Propriedade em debate: modernização, recursos naturais e propriedade intelectual no Brasil**. Guarapuava; Rio de Janeiro: Editora Unicentro; Autografia, 2018.
- MOTTA, Márcia & PICCOLO, Monica (Org.). **O Domínio de Outrem: Posse e propriedade na Era Moderna**. São Luís/Guimarães: Editora da UEMA/Editora Nós por cá tudobem, 2017.
- PAES, Mariana Armond Dias. **Escravos e terras entre posses e títulos: a construção social do direito de propriedade no Brasil (1835-1889)**. Tese (Doutorado em Direito) – Departamento de Direito, USP, São Paulo, 2018.
- RODRIGUES, Pedro Parga. **Burocracia e potentados: suas interações na aplicação de leis agrárias no Segundo Reinado brasileiro**. REVISTA DO ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, v. 15, p. 209-229, 2018.
- SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. **O direito Achado na Rua: Concepção e Prática**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2015.

## **Simpósio 03 - Anarquismo, gênero e produção de novas subjetividades na América (XIX-XX)**

### **Coordenadoras:**

**Dr<sup>a</sup>. Angela Maria Roberti Martins (UERJ)**

**Doutoranda Ingrid Souza Ladeira de Souza (PUC-RJ)**

### **Resumo:**

A proposta desse Simpósio Temático é reunir pesquisas, trabalhos e demais formas de produção sobre o anarquismo na América e sua relação com as questões de gênero e a produção de novas subjetividades no seio da militância libertária que se desenvolveu no período compreendido entre o final do século XIX e as décadas iniciais do século XX. Nosso propósito é trazer à luz as particularidades do processo de construção da militância libertária em diversos contextos e espaços, abrindo para várias possibilidades de entendimento do que sejam as experiências de mulheres e homens militantes, suas relações, circulação e redes de propaganda e sociabilidade, sem deixar de lado as discussões de ordem teórico-conceitual que envolvem o tema.

Reconhecendo a importância de experiências históricas inovadoras sobre as relações de gênero e da produção de novas subjetividades no âmbito da militância libertária, abre-se espaço, também, para a investigação das experiências femininas e formas de atuação das mulheres distante dos espaços tradicionais de atuação política nos séculos XIX e XX, como a imprensa, os grupos de afinidade e de estudo, entre outros. A ideia é pensar gênero e temas relacionados, como a emancipação feminina, o amor livre, a livre união, a livre desunião, a sexualidade, o ciúme, o desejo carnal, o prazer sexual, apontando para a destruição de regras coercitivas, bem como o fim de todas as formas de opressão sem reconhecer o Estado, o capital e suas instituições como instâncias mediadoras ou de resolução de conflitos.

Pretende-se, portanto, reunir trabalhos que possam fazer avançar não só a produção de conhecimento sobre anarquismo, relações de gênero e novas subjetividades, mas que ampliem a compreensão das experiências libertárias, diferenciando-as de outras experiências e recuperando sua importância histórica no âmbito das lutas sociais e políticas no Brasil, na América e na Europa.

Nessa perspectiva, espera-se constituir um fórum capaz de promover discussões em que seus integrantes possam problematizar os princípios e bases teóricas que envolvem o campo do anarquismo, das relações de gênero e das novas subjetividades, abrindo-se, também, a inúmeras possibilidades de reflexão e debate sobre a longa e variada experiência libertária de luta e resistência, oferecendo oportunidade de discussões sobre os feminismos e o âmbito da cultura no movimento anarquista e suas redes de sociabilidade.

Em tempos de crise, cresce o interesse pelo anarquismo enquanto experiência histórica, suscitando novas indagações sobre o passado e suas relações com o presente, visto que as representações históricas do passado servem de suporte de compreensão e construção do anarquismo no presente. Desse modo, esse ST representa uma

oportunidade única tanto para a troca de experiências entre pesquisadores, quanto para um balanço historiográfico sobre o tema. O que servirá de estímulo para que profissionais e estudantes da História, da Educação, da Política, da Sociologia, da Economia e da Antropologia, entre outros, divulguem os resultados de suas pesquisas. Nesse sentido, o que se viabiliza é a produção de novos e oportunos saberes ampliando a compreensão do tema.

### Referências

BARRANCOS, Dora. **Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de principios de siglo**. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.

FERNÁNDEZ CORDERO, Laura. **Amor y Anarquismo: Experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

LEITE, Miriam M. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. Rio de Janeiro: Ática, 1985.

MARTINS, Angela Maria Roberti. **“Cancioneiro Libertario”: das ideias às representações**. Uma análise do anarquismo na perspectiva do gênero. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

MARTINS, Angela Maria Roberti. **Pelas páginas libertárias**. Anarquismo, imagens e representações. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2006.

MARTINS, Angela Maria Roberti. Mulher Liberta-te!: o anarquismo e as mulheres In: LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro; MARTINS, Angela Maria Roberti; SANTOS, Edna Maria. (org.). **Pensando a História: reflexões sobre as possibilidades de se escrever a História através de perspectivas interdisciplinares**. 1 ed. Rio de Janeiro : Letra Capital, 2013, v.01.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. **“Es Que No Es Digna La Satisfacción De Los Instintos Sexuales?”**. Amor, sexo e anarquia na Revolução Espanhola. In.: SOARES, Carmen Lúcia (org). *Corpo e História*. Campinas, SP; Autores Associados. 2006. pp. 145-161.

RIBAS, Ana Claudia. **Entre bandeiras negras e as asas de eros: os discursos sobre amor livre nas páginas do jornal anarquista A Plebe (1917-1951)**. Anais Coninter-Aninter-SH, Niterói-RJ, 2012.

SOUZA, Ingrid S. Ladeira. **“Salimos a la lucha...sin Dios y sin Jefe”**. O periódico *La Voz de la Mujer* como experiência feminina do anarquismo na Argentina (1896-1897). Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.



## **Simpósio 04 - Mundos do Trabalho: trabalhadores/as escravizados/as e livres (século XIX e início do XX)**

### **Coordenadores:**

**Dr<sup>a</sup>. Renata Figueiredo Moraes (UERJ)**

**Doutoranda Isabelle Cristina da Silva Pires (UFRJ)**

**Doutorando Vitor Leandro de Souza (PUC-RJ)**

### **Resumo:**

Em tempos de retirada de direitos trabalhistas e “modernização” para os que ainda existirão, é de suma importância colocar para a discussão no seminário de História Política da UERJ a história do trabalho e dos/as trabalhadores/as, suas resistências e lutas. As pesquisas em torno do mundo do trabalho têm ampliado nos últimos anos a perspectiva de quem era o trabalhador, redefinindo esse conceito e inserindo novos sujeitos, entre eles, os/as escravizados/as. Novos referenciais teóricos ou temáticos e que tratam de forma mais ampliada o conceito de trabalho se somam às inquietações do mundo contemporâneo e a uma discussão mais ampla sobre trabalho e direitos. A história global do trabalho, por exemplo, propõe novas reflexões a respeito da divisão internacional do trabalho, além de questões que envolvam as condições de vida e política de homens e mulheres numa perspectiva global. Para o caso do Brasil, as discussões que envolvem a temática da “segunda escravidão” e também das primeiras formas de organização e mobilização dos trabalhadores alimentam o debate sobre o século XIX. Nesse sentido, são exploradas, por exemplo, as greves realizadas por trabalhadores/as livres, mas também aquelas que foram organizadas por escravizados/as. Os estudos mais recentes têm também se dedicado à análise da formação de sociedades mutualistas, publicação de jornais e adesão a irmandades, mostrando que essas organizações se aprimoraram e se somaram aos debates internacionais existentes a respeito da identidade de classe e distintas formas de atuação política e de intervenção no cotidiano do trabalho.

Outro ponto que tem sido levantado é que se os/as escravizados/as foram excluídos/as durante muito tempo da historiografia sobre o trabalho no Brasil, o mesmo pode ser dito para os seus descendentes no período após a Abolição. Na República, as principais capitais enfrentaram o desafio de construir leis que pudessem “educar” a população para o trabalho, temendo o fenômeno da “vadiagem”, ao mesmo tempo em que tentavam modernizar suas vias e seu aspecto cultural e social. Sendo assim, as pesquisas têm indicado a importância de analisar a história desses/as trabalhadores/as, na relação com os outros e com suas cidades, bem como o impacto da Abolição na organização do trabalho e na formação da classe trabalhadora.

Assim, após 2 anos de frutíferos debates na Semana de História Política da UERJ, em que

diversos/as pesquisadores/as tiveram espaço para discutir seus estudos em torno das temáticas da História do trabalho, propomos, mais uma vez, o simpósio “Mundos do Trabalho: trabalhadores/as escravizados/as e livres (século XIX e início do XX)” com o



intuito de reunir pesquisas que versem sobre os mais variados aspectos da vida dos/as trabalhadores/as livres e escravizados/as no período demarcado. Neste ano, ocorre em julho, o VI Seminário Internacional Mundos do Trabalho sediado no Instituto Multidisciplinar da UFRRJ em Nova Iguaçu/RJ. Tal evento conta com a participação de centenas de pesquisadores/as, o que demonstra a expansão do campo nos últimos anos e o interesse de novos/as pesquisadores/as pela área. Nesse sentido, acreditamos ser importante que um simpósio com tal temática tenha novamente espaço na tradicional Semana de História Política da UERJ.

Bibliografia:

BATALHA, Cláudio. O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2001.

EISENBERG, Peter. Homens esquecidos: escravos e trabalhadores livres no Brasil, séculos XVIII e XIX. Campinas: Unicamp, 1989.

FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa operária no Brasil - 1880-1920. Petrópolis: Vozes, 1978.

FRACCARO, Gláucia Cristina Candian. Os direitos das mulheres – organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937). Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, Campinas – SP. 2016.

FRAGA JUNIOR, Walter. Caminhos da liberdade: escravidão, emancipação e pós-emancipação na Bahia, 1870-1910. Campinas. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo Sérgio. Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle. Coleção Remate de Males, nº 5, pp.95-119, 1985.

NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. Além de senzalas e fábricas: uma história social do

trabalho. In. Tempo Social, v. 18, n. 1. São Paulo: USP, junho 2006.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras. As pesquisas regionais e a história operária brasileira. In. Anos 90, n. 3. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, maio 1995.

RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890- 1930. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

## Simpósio 05 - Tensões e Aproximações: as relações entre Estado, Igreja e Inquisição em Portugal e seu império

### Coordenadores:

Dr. Pedro Marcelo Pasche de Campos (UERJ)

Dr<sup>a</sup>. Veronica de Jesus Gomes (UFF)

### Resumo:

Este simpósio tem por objetivo central avaliar a existência de um *sistema de cristandade inquisitorial* no Portugal do Antigo Regime e examinar até que ponto ele foi totalmente eficaz. Em Portugal, na Idade Moderna, houve um processo de implantação de um *sistema de cristandade* — que consistia na interação entre Igreja, Estado e Inquisição, com o intuito de assegurar uma homogeneidade religiosa e moral dos súditos — e que ganhou ímpeto através do movimento de *Reforma Católica*, implantado pelo *Concílio de Trento* (1545-1563), e que visava o controle social e religioso dos fiéis do império lusitano. As ferramentas de concretização desta hegemonia católica compreendiam, além da educação religiosa e da doutrinação feita nos púlpitos, também a presença constante da Inquisição, fosse através de visitas pelo Reino e colônias, fosse por meio de sua rede funcional espalhada no interior das sociedades.

Assim, pretendemos avaliar e investigar não só o controle exercido pela Inquisição e sua funcionalidade no contexto do *sistema de cristandade*, mas também a existência de brechas, falhas e transgressões eventualmente ocorridas nos interstícios do controle e disciplinamento social das populações do vasto império ultramarino português.

Devemos lembrar que estes poderes não interagiam harmonicamente entre si; as relações eram conflituosas e variavam de acordo com os momentos históricos vividos pela monarquia portuguesa. Cada um desses elementos buscava por mais autonomia no âmago desse processo, procurando não estar subjugado aos outros poderes.

Neste âmbito, pretendemos dar atenção à discussão historiográfica a respeito da implantação desse modelo de catolicismo, tanto no Reino quanto nas colônias ultramarinas, e avaliar até que ponto o projeto civilizador e disciplinar foi totalmente eficaz. Afinal, não devemos desconsiderar que os séculos XVI-XIX representaram momentos de grande turbulência política e econômica no mundo europeu, do qual Portugal não foi excluído.

Ademais, avaliaremos a atuação das justiças inquisitorial e eclesiástica no que tange àquelas sociedades, visto que não acontecia de forma homogênea e era repleta de nuances e brechas, já que, não raro, tanto a Igreja quanto a Inquisição encontrou fiéis refratários à sua ação. Do mesmo modo, não foram poucas as ocasiões em que o Tribunal do Santo Ofício teve que manter firme sua posição a fim de assegurar sua independência frente a Coroa. É importante lembrar que existiram conflitos entre membros partícipes desse projeto homogeneizador e elementos do clero caíram nas malhas inquisitoriais.

Finalmente, procuraremos avaliar o contexto pós - abolição da Inquisição, que se deu através das Cortes de 1821, e como todo esse *modus operandi* inquisitorial permaneceu

funcionando no interior das sociedades. Além disso, serão avaliados como os conflitos já citados permaneceram de herança na sociedade brasileira até a contemporaneidade. O simpósio procurará agrupar pesquisas pertinentes ao assunto proposto.

### Bibliografia

AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. 4 vols. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001.

\_\_\_\_\_. *História Religiosa de Portugal*. 3 vols. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2002.

BARBOSA, David S.; GOUVEIA, António C.; PAIVA, José Pedro (Coords.). *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/ Centro de Estudos de História Religiosa, 2014.

BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. Séculos XV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSSY, John. *A Cristandade no Ocidente (1400-17000)*. Lisboa: Edições 70, 1985.

CODES, Ana Isabel López-Salazar. *Inquisición y Política*. El Gobierno del Santo Oficio en el Portugal de los Austrias (1578-1653). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011.

\_\_\_\_\_. O Santo Ofício no tempo dos Filipes: transformações institucionais e relações de poder. Coimbra: *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 9, 2009, pp. 147-161.

DELUMEAU, Jean. *O Pecado e o Medo*. A Culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Bauru; EDUSC, 2003, 2 vols.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GOMES, Francisco José Silva. *A Cristandade Medieval*. Igreja e poder: representações e discursos (secs IV-XI). Niterói, ex. mimeo, 1997

## Simpósio 06 - Áfricas: instigando o pensar complexo.

### Coordenadores:

**Dr. Silvio de Almeida Carvalho Filho (UERJ/UFRJ)**

**Doutoranda Priscila Henriques Lima (UERJ)**

### Resumo:

Este Simpósio Temático objetiva debater criticamente as comunicações nele apresentadas, atinentes aos Estudos Africanos, em especial as relacionadas à História da África e ao ensino dessa, iluminado pelas novas discussões teóricas que permeiam essa área na atualidade. Nos debates, estaremos atentos às reinvenções que os africanos fazem de si, ao longo dos tempos, na vida social, cultural, política e econômica. Verificaremos como as relações entre essas dimensões vivenciadas no continente africano emergem nas comunicações e, quando isso não explicitamente aflorar, desossaremos essas articulações das narrativas homogeneizantes. Observaremos como os pesquisadores apresentam as extrações destrutivas e os processos de subalternização do africano, a sua capacidade de resiliência, seus esforços para sair da sujeição, assim como as suas histereses. Em relação à África, somos espectadores de antirracismos racialistas, construtores de uma essência racial inexistente, paradoxalmente, fruto de forjamentos de opressores e oprimidos, assim como testemunhamos as persistências dos nanorracismos quotidianos, assim como de questões de pertença insolucionáveis. Tencionamos desagregar a África metafísica, confrontando-a com a empírica: o real está aí como limite possível ao conceito. Esse Simpósio estará ciente que lida com uma África, onde as identidades se superpõem e convivem, articulando-se num inusitado arlequim, mas também se conflitam, acobertando desigualdades de acesso às oportunidades. Sabemos que iremos nos deparar com a complexidade de compreender as estratificações do social, inclusive as especificidades das generificações no continente africano. Esse Simpósio será sensível à pluralidade e à proteiformidade do continente, às interseções e às antinomias entre o endógeno e o Outro, aos seus entre-lugares, aos seus hibridismos, ao seu afropolitanismo, com populações originárias de outros continentes que têm direito à sua africanidade. Auscultaremos as características das suas dissemi[nações], onde a manutenção da unidade para tornar o nacional uma *doxa* obnubila as diferenças, o regional, o local, as divergências e as oposições aos governos. Incomoda-nos a colonialidade edulcorada por uma pseudo emancipação. Presenciaremos as utopias soterradas por estruturas estatais patrimonializadas, onde o público é privatizado por elites predadoras ditas nacionais, em uma criminalização dos Estados que rouba a qualidade de vida dos africanos comuns. Estaremos abertos a questionar se existem modernidades africanas aquém e além do modelo ocidental. Interroga-nos como tornamos o africano parte de nossas alucinações, como o Ocidente institui nelas o que de si deseja expulsar, como elas desvelam a necropolítica, da qual os ocidentais são agentes e, às vezes, os locais são cúmplices. Enfim, este Simpósio Temático estará acessível a esses e a outros questionamentos, inclusive daquilo que nesse texto se

explicita, pois defende as qualidades do confronto e do antinômico nesses tempos em que primam os pensamentos não abertos à contradição, portanto, autoritários, tanto em África quanto no mundo.

Bibliografia:

APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa De Meu Pai**. A África na Filosofia da Cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

AWENENGO, Séverine; BARTHÉLÉMY, Charles Tshimanga (Eds.). **Écrire l'Histoire de l'Afrique autrement?** Paris: L'Harmattan, 2004.

ELA, Jean-Marc. **Restituir a história às sociedades africanas, promover as Ciências Sociais na África**. Mangualde (Portugal): Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2011.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008

GABIZO, Mamoudou & THIRIOT, Céline. **Le Politique en Afrique**. État des débats et pistes de recherche. Paris : Éditions Karthala, 2009.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Escola de Belas Artes. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169> Acesso em: 1/01/2019.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Angola: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014.

REIS, Eliane Lourenço de Lima. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural**: a literatura de Wole Soyinka. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria de Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SARR, Felwine. **Afrotopia**. São Paulo : n-1 edições, 2019.

## **Simpósio 07 - A História do Rio de Janeiro em perspectiva: da cidade colonial à cidade olímpica.**

### **Coordenadores:**

**Livre Docente Antonio Edmilson Martins Rodrigues (UERJ)**

**Dra. Amanda Danelli Costa (UERJ)**

### **Resumo:**

As pesquisas sobre a história da cidade do Rio de Janeiro, desde os anos 1980, tem se multiplicado a partir de uma série de interfaces: geografia, comunicação, arquitetura e urbanismo, ciências sociais, economia e turismo são alguns exemplos das aproximações que temos observado. Somam-se aos interesses anteriores, uma renovada demanda por observar e desenvolver pesquisas sobre a cidade tendo em vista seus dramas sócio-políticos mais recentes, potencializados pela atmosfera da atual e presente necropolítica. Entendemos ainda que a universidade, e em especial a UERJ, é um *locus* privilegiado para o debate acerca dos diagnósticos e prognósticos que as pesquisas multidisciplinares apresentem sobre os problemas urbanos cariocas, estejam eles situados em outros momentos históricos ou no presente.

Assim, desde as discussões que se centram em torno dos debates acerca da fundação da cidade; da cidade de colonos autônoma; do conceito de capitalidade; das variações do conceito “civilização” e “modernização”; dos projetos de reformas urbanas dos séculos XIX e XX; dos descompassos entre a cidade e a capital; da cultura urbana carioca; da sua produção intelectual; até os projetos e paradoxos acerca do desenvolvimento de uma cidade olímpica e global, entre outros debates, são propostas bem-vindas neste simpósio temático. Igualmente, valorizamos as diferentes falas multidisciplinares que, se cruzando com a perspectiva histórica, exponham também suas especificidades analíticas.

### Bibliografia:

ANDREATTA, Verena. Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

BARRA, Sérgio. Entre a Corte e a Cidade. O Rio de Janeiro no tempo do rei (1808-1821). Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

COSTA, Amanda Danelli. Augusto Malta e a fotografia da alma dos kiosques cariocas. *Acervo*, v.32, n.2, maio/ago 2019, pp.117-132.

<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/issue/view/58>

COSTA, Amanda Danelli. “A cidade do Rio de Janeiro: Cultura urbana e imagem turística.” *Revista do Arquivo Nacional* 28 (jan-jun 2015): 186-195. <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/599>

KESSEL, Carlos. A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Memória Carioca.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, N-1 edições, 2018.

O'DONNELL, Julia. A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Ed: Zahar, 2013.

PAOLI, Paula Silveira de. Entre relíquias e casas velhas: a arquitetura das reformas urbanas de Pereira Passos no centro do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: RioBooks, 2013.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. América Renascentista - um ensaio: as experiências modernas no espaço da Baía de Guanabara – a dupla fundação da cidade do Rio de Janeiro: entre utopias e ideias. Revista Morus: Utopia e Renascimento. Volume 3, 2006. <http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/154>

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins; OAKIM, Juliana. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes. Revista do Arquivo Nacional 28 (jan-jun 2015): (19-53)

<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/589>



## Simpósio 08 - Teoria da História e História da Historiografia

### Coordenadores:

**Dr<sup>a</sup>. Géssica Guimarães (UERJ)**

**Dr. Henrique Gaio (PUC-RJ)**

**Doutorando Cairo de Souza Barbosa (PUC-RJ).**

### Resumo:

Este Simpósio Temático é um espaço para o debate de temas e pesquisas nas áreas de Teoria da História e História da Historiografia. Tendo em vista a especificidade de cada um desses campos de atuação dos pesquisadores e docentes, propomos o diálogo entre os trabalhos que tenham como interesse a reflexão acerca da constituição da história como uma disciplina, seja por meio de seus protocolos, epistemologias e métodos, bem como através do estudo de sua historicidade.

São bem-vindos temas relacionados às variedades do saber histórico; novas epistemologias para a escrita da história; o estudo das temporalidades; metodologias para a pesquisa da história. Também fazem parte do escopo deste ST pesquisas acerca da história da historiografia, com destaque para os estudos acerca da historiografia brasileira – abrindo espaço para leituras que desafiem o próprio cânone historiográfico. Nesta medida, também serão contempladas as comunicações que tenham como objeto de análise intérpretes e interpretações sobre o passado nacional, em outras palavras, aquilo que temos chamado de pensamento social e político brasileiro.

### Bibliografia:

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento; IANNI, Octavio. (Org.). *Pensamento social no Brasil*. Bauru: EDUSC, 2004. v. 1. 366p.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (Org.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CEZAR, Temístocles. “O que fabrica o historiador quando faz história, hoje? Ensaio sobre a crença na história (Brasil séculos XIX-XXI)”. *Rev. Antropol.*, v.1, n. 2, USP, 2018, p. 78-95.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, pp. 237-256.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; GONÇALVES, Márcia de Almeida; GONTIJO, Rebeca. (Orgs). *Estudos de Historiografia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV/Faperj: 2011.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. “Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia”. *História da Historiografia*. v. 11, n. 28, set-dez, 2018, pp. 104-140.

NICODEMO, Thiago Lima; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Uma introdução à história da historiografia brasileira (1870-1970)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

RANGEL, Marcelo; ARAUJO, Valdei. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 8, n. 17, 29 abr. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

## **Simpósio 09 - Interloções entre Ensino de História e História Política: trajetórias, narrativas, conflitos e consensos**

### **Coordenadoras:**

**Dr<sup>a</sup>. Adriana Soares Ralejo (UFRJ)**

**Doutoranda Maria de Fátima Barbosa Pires (UFRJ)**

**Doutoranda Eleonora Abad Stefenson (UFF)**

### **Resumo:**

Entendendo o terreno do Ensino de História em seus atravessamentos com a História Política, este simpósio temático propõe debater, que concepções de História são possíveis, em suas margens e fissuras, considerando-se os (des) caminhos dos jogos de poder. Neste sentido, propomos um olhar sobre as atuais políticas curriculares, compreendendo que as mesmas fixam sentidos, produzem subjetividades e enunciam regimes de verdade (FOUCAULT, 2008). No “chão” da escola, entrecruzam-se macro políticas que desafiam o fazer docente, enquanto sobressaltam protagonismos dos sujeitos ali inseridos nas micro relações cotidianas, reivindicando seus espaços, valorização de seus saberes e culturas, bem como reconhecimento de suas próprias histórias. Para enfrentamento destes desafios, as interloções propostas entre pesquisadores do campo do Ensino de História e de pesquisadores do campo da História Política são pródigas na medida em que possibilitam reflexões sobre suas atuais perspectivas e investigações, assim como, aproximações entre estes dois campos. Sabe-se que, já há muito, os grandes vultos e as meta-narrativas não ocupam a mesma centralidade de outrora nas páginas da História Política (RÉMOND, 2003). Da mesma forma, mudanças no ensino de História, trouxeram à cena outros atores invisibilizados da nossa História – um deslocamento das narrativas eurocêntricas em favor de narrativas plurais (ARAUJO, 2012; PIRES, 2017, 2019). Subjacentes a estas mudanças, encontra-se uma renovação intelectual, cada vez mais desafiada pela voz dos movimentos sociais, que no Brasil, por exemplo, ganhou materialidade por meio das leis 10.639-03 e 11.645-08, com foco nas culturas africanas e indígenas, respectivamente, em face da problemática cultural brasileira, produtora de históricas relações de subordinação. À estas questões, sobrepõem-se muitas outras, tais como, a luta operária e as questões feministas, demonstrando a fragmentação das identidades e sua fluidez (HALL, 2005). Obstáculos que não nos são exclusivos, desafiando também outras nações. Contudo, nos é imperativo problematizar os fios desta trama-Brasil, que nos enlaçam de modo endógeno e exógeno a papéis subalternos e opressores alicerçados em uma tradição patriarcalista. Tradição esta, que tenta silenciar e enclausurar nossa Palavra recorrentemente. Que produziu regimes de exceção, tal como vivenciamos entre 1964 a 1985. Insurgente, a Palavra “reencontra” um lugar com a abertura política, e com isto, novas perspectivas de pesquisa e ensino, que buscam na renovação historiográfica da década de 1980, fortalecer práticas cidadãs e democráticas, com vistas um outro ensino, uma outra escola capaz de superar o “autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo”. (FREIRE, 1996, p. 13). Entre avanços e

retrocessos, transbordam dessas tessituras, temas sensíveis, com os quais precisamos lidar em nossas pesquisas, em diálogo com a escola e com a sociedade de modo geral. Além de contribuir para aprofundamento teórico, a partir dos diversos temas pesquisados e vislumbrar novos métodos e objetos, este simpósio, pretende pois estimular um olhar para as seguintes questões: Que outros percursos tornaram possíveis estas trajetórias? Que novas compreensões epistemológicas advêm das mudanças de paradigmas e das demandas sociais? Como as transformações nestes campos de pesquisa afetam a produção do conhecimento histórico escolar? Quais são os desafios e as estratégias possíveis em face aos temas sensíveis?

#### Bibliografia:

ARAÚJO, Cinthia Monteiro de. **Por outras histórias possíveis: em busca de diálogos interculturais em livros didáticos de histórias**. Tese: Doutorado em Educação. Rio de Janeiro: Programa PUC-Rio, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fim ou metamorfose das “grandes narrativas”? In: **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Natal (RN): EDUFRN, 2012. p. 117-144.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MONTEIRO, Ana Maria, RALEJO, Adriana e AMORIM, Mariana. Entre o Vivido e o narrado: sentidos de Rio de Janeiro em aulas de História. IN: **Narrativas do Rio de Janeiro: Nas aulas de História**. GABRIEL, Carmem Teresa. MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa e MARTINS, Marcus Leonardo Bonfim. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

PIRES, Maria de Fátima Barbosa. **Diálogos Interculturais no Ensino de História: Oficinas Pedagógicas com aplicação da Lei 11.645-08**. Rio de Janeiro: PoD editora, 2017.

PIRES, Maria de Fátima Barbosa. Diálogos interculturais e as potencialidades da lei 11.645-08: outros espaços de aprendizagens, outras leituras de mundo. **Revista Teias** v. 20 • n. 56 • Jan./Mar. 2019; 249-264; • Universidade e democracia: para quê? Para quem? Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/viewFile/33073/28514>

Acesso em 14/02/2020

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha; 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

STEFENSON, E. A.; ANDRADE, Everardo Paiva. **Corpo-história e resistência libertária**. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2019. v. 1. 213p

## **Simpósio 10 - Currículos da Educação Básica e Formação Crítica: Metodologias e Interdisciplinaridade a Partir da História**

### **Coordenadores:**

**Dra. Andréa Lemos (CAp-UERJ)**

**Dr. Wallace Ferreira CAp-UERJ)**

**Doutoranda Andressa Elisa Lacerda (CAp-UERJ)**

### **Resumo:**

Este simpósio busca reunir trabalhos que discutam os diferentes currículos da educação básica pensados de maneira articulada e promovendo estratégias de ensino-aprendizagem críticas. À luz da interdisciplinaridade, os recursos para uma formação humanista crítica são ampliados e a área de História é reivindicada permanentemente em currículos de Sociologia, Geografia, Filosofia e também na Literatura. O conhecimento histórico é base para o trabalho das demais disciplinas de humanidades e também fora dela, de modo que seu uso repercute como fundamental para abordagens ampliadas e interdisciplinares. No entanto, para a problematização desta base histórica é necessário um referencial teórico-metodológico capaz de endossar o olhar crítico sobre os processos históricos e nortear as abordagens junto às outras áreas do conhecimento. Com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio em 2018, em razão da reforma desse nível de ensino (Medida Provisória nº 746/2016 e Lei nº 13.415/2017), temos novos parâmetros conservadores na redistribuição de pesos das disciplinas ou para os modelos curriculares. Com isso, os currículos da educação básica têm sofrido alterações recentes que minimizam seu papel formador, sua densidade crítica, privilegiando o conteudismo tradicional. Eis a justificativa primordial pela qual precisamos discutir a realidade atual e a maneira como diferentes profissionais da educação básica têm embasado suas atuações a partir dos conhecimentos históricos. Nosso interesse reside em reunir reflexões teórico-metodológicas de experiências pedagógicas na educação básica de diferentes campos, como Sociologia, Geografia, Filosofia, ou outras ciências, cujas abordagens se aproximem teórica e/ou metodologicamente do conhecimento da História, bem como apoiem-se nesta ciência humana. Dentre os trabalhos privilegiados, buscamos produtos de diferenciados discursos e práticas que tenham se concretizado no chão da escola a partir das diversas fontes, linguagens e objetos eleitos como recursos e materiais didáticos, cuja metodologia tenha como objetivo uma produção crítica do conhecimento e que não engesse a atuação docente numa formação conteudista e não politizada.

### Bibliografia:

BAUMAN, Zygmunt. Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASSIO, Fernando (org.). Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERREIRA, Wallace; SANTANA, Diego Cavalcanti de. Reforma do ensino médio e

o ensino de sociologia. In: Revista Perspectiva Sociológica, n. 21, 2018, pp. 41-53.

GALLO, Silvio. Metodologia do Ensino de Filosofia: uma didática para o Ensino Médio. Campinas, SP: Papirus, 2013.

GUIMARÃES, Selva. Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

HANDEFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernando de (orgs). A Sociologia vai à escola: história, ensino e docência. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital (Mundo do trabalho). São Paulo: Boitempo, 2008.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.

SILVA, Monica Ribeiro da.; SCHEIBE, Leda. “Reforma do ensino médio: pragmatismo e lógica mercantil”. In: Revista da Escola de Formação da CNTE (ESFORCE), vol. 11, n. 20, jan./jun. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

## Simpósio 11 - História das cidades

### Coordenadores:

**Dr. Carlos Eduardo Pinto de Pinto (UERJ)**

**Dr<sup>a</sup>. Claudia Barbosa Teixeira (FSB)**

### Resumo:

Este Simpósio Temático se propõe a reunir pós-graduando(a)s e pesquisadore(a)s de diferentes áreas do conhecimento, que abordem a cidade como fenômeno histórico. O título de uma obra de Richard Sennett, “Carne e pedra”, funciona como guia-mestra do simpósio: atrair trabalhos interessados a um tempo nos traços formais da “pedra” (dimensão construída da cidade), sem perder de vista a “carne” dos cidadãos que escolheram construir seguindo determinados estilos, bem como dos que usufruíram e decodificaram as urbes resultantes dessas opções. A estética, a arquitetura, o urbanismo e as sociabilidades urbanas não são dissociados do contexto em que foram pensados, produzidos e consumidos. Segundo essa perspectiva, serão aceitos trabalhos que proponham refletir sobre as imagens urbanas nas formas culturais e artísticas; urbanismo e planejamento urbano na história; história e arquitetura; representações sociais e históricas do espaço urbano; sociabilidades urbanas; sentidos e papéis da cidade na contemporaneidade. A criação desse fórum se justifica pela multiplicação de trabalhos sobre o tema em forma de livros, artigos, teses e dissertações, gerando a possibilidade de reunir e confrontar pesquisas diversas, alinhavadas pelo tema comum da urbanidade.

### Bibliografia:

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENÉVOLO, Leonardo. *A cidade e o arquiteto: método e história na arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

COHEN, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FABRIS, Annateresa. *Fragmentos urbanos: representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1965.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.) *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

SHORSKE, Carl E. A ideia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler. In: \_\_\_\_\_. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



## **Simpósio 12 - América Latina e Caribe - Migrações no mundo globalizado**

### **Coordenadores:**

**Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Toribio Brittes Lemos (UERJ)**

**Dr. Alexis T. Dantas (UERJ)**

### **Resumo:**

O simpósio propõe discutir os movimentos sociais como eixo condutor das transformações no mundo contemporâneo. Esses processos são fundamentais para a análise das transformações políticas e sociais dos países latino-americanos e caribenhos. A partir das idéias e pensamentos de intelectuais que abordam questões como a desigualdade social, pobreza, exclusão e desemprego entre outros aspectos produzidos pelo mundo globalizado. As análises se estendem às relações intrínsecas entre o local e o global; regional e transregional; realocação de populações e migrações, além da ocupação de novos espaços e, principalmente, a construção de novas identidades. O simpósio também propõe investigar os mecanismos que produzem e reproduzem as desigualdades étnicas, políticas e sociais que moldam as crises e confrontos sociais.

## **Simpósio 13- Fronteiras e redes de poder no mundo Antigo e Medieval**

### **Coordenadores**

**Dra. Maria Regina Candido (UERJ/UFRJ)**

**Dr. Alair Figueiredo Duarte (UERJ/UFRJ)**

### **Resumo:**

A dinâmica política e social na atualidade encontra—se inserida em redes políticas e culturais de modo que não se pode pensar em ações ou intervenções ocorrerem de maneira isolada. A partir de uma perspectiva das Conectividades e articulações políticas, propomos analisar sociedades da Antiguidade e Medievo buscando compreender suas articulações políticas, bem como as Relações de Poder que envolvem sua sociedade.

## **Simpósio 14 - História e Memória da Educação no Rio de Janeiro: Políticas, sujeitos, projetos educacionais e instituições educativas.**

### **Coordenadores:**

**Dr<sup>a</sup>. Patrícia Freitas Hinsch Frias Barbosa (CEMEF/Diretoria de Ensino Superior FAETEC)**

**Dr<sup>a</sup>. Isabella P. Gaze (CEMEF/Diretoria de Ensino Superior FAETEC)**

**Dr. Aderaldo Pereira dos Santos (CEMEF/Diretoria de Ensino Superior FAETEC)**

### **Resumo:**

Este Simpósio Temático propõe refletir sobre a Educação como objeto histórico, considerando toda sua complexidade e relacionando-a aos contextos político, econômico, social e cultural, sem comprometer seu aspecto multidisciplinar e polissêmico. Neste sentido, a proposta é reunir trabalhos historiográficos que abordem a Educação e sua interação com diferentes campos da pesquisa histórica, tendo como recorte espacial o Estado do Rio de Janeiro e as políticas públicas educacionais que nortearam projetos políticos hegemônicos e/ou contra hegemônicos, sujeitos e instituições educativas. Ressalta-se a importância de estudos que utilizaram os arquivos escolares como fontes documentais, como nos esclarece Bonato (2000, p. 45): "... Esse tipo de acervo arquivístico representa um patrimônio documental, que integra a memória da instituição escolar que o gera e é parte da memória educacional brasileira". Sendo assim, nossa proposta destaca também, a necessidade e relevância de políticas públicas que garantam a guarda e preservação da documentação escolar e promovam a percepção de sua importância como fonte histórica.

### **Bibliografia:**

- BONATO, N. M. C. Memória da Educação: preservação de arquivos escolares. Presença Pedagógica, Belo Horizonte: Editora Dimensão, v. 6, n. 35, set./out. 2000.
- CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. (Org.) Cultura Saberes e Práticas: Memórias e História da Educação Profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2011.
- CENTRO DE MEMÓRIA DA FAETEC. História e Memória da Educação Profissional no Rio de Janeiro: coletânea de artigos de autores da Rede FAETEC. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- CUNHA, L. A. R. da. Política Educacional no Brasil: a profissionalização no Ensino Médio. Eldorado: 1973.
- MANACORDA, M. A. História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias. 13a ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SAVIANI, D. Política Educacional Brasileira: limites e perspectivas. Revista de Educação PUC-Campinas, n. 24, p. 7-16, junho 2008.
- STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.) Histórias e Memórias da Educação no Brasil, vol. III: Século XX. 4a ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

## Simpósio 15 - A Idade Média em debate: novos olhares e novas perspectivas

### Coordenadores:

Dr<sup>a</sup>. Marta Silveira (UERJ)

Dr. Rodrigo Rainha (UERJ)

### Resumo:

O conceito de Idade Média tem sido cada vez mais questionado e as críticas em torno dos seus limites de aplicação, ampliadas. A visão tradicional de uma Idade Média como um espaço de desordem, de ignorância e de atraso intelectual, contudo, ainda impera principalmente no senso comum. Romper com essa perspectiva e construir novos olhares acadêmicos e pedagógicos sobre o período medieval devem ser fatores motivadores para aqueles que entendem a riqueza econômica, social e cultural desse período histórico e se dispõem a analisar as lutas pelo poder que se encontram difusas nos diversos âmbitos da sociedade medieval. Sociedade esta que se caracterizou pela diversidade de tipos sociais, de produção cultural e das relações de poder peculiares presentes tanto no Ocidente medieval quanto nas sociedades africanas e orientais.

Convidamos a todos que se interessam tanto por analisar as disputas pelo poder presentes nas diversas formações sociais, econômicas e culturais presentes no longo contexto histórico medieval quanto por refletir sobre a forma como ele tem sido apropriado pela sociedade contemporânea e pelas políticas públicas educacionais brasileiras, a partilhar conosco as suas reflexões. A metodologia adotada pelo ST será a apresentação das comunicações, agrupadas pelos coordenadores pela proximidade temática, seguida de discussões, que poderão resultar em propostas de trabalhos futuros. A proposição deste ST se insere no conjunto de atividades do *Programa de Estudos Medievais UFRJ/UERJ*. Nomes dos coordenadores: Marta de Carvalho Silveira e Rodrigo dos Santos Rainha.

### Bibliografia:

BASCHET, J. *A Civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *Idade Média. O Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GEARY, Peter. *O mito das nações. A invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

LE GOFF, J. e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Edusc, 2006.

LEWIS, Bernard. *Os árabes na História*. Lisboa: Estampa: 1996.

MACEDO, José Rivair de. *História da África*. São Paulo: Contexto: 2014.

MAIER, Franz Georg. *Las transformaciones del mundo mediterráneo. Siglos III – VIII.*  
Madrid: Siglo XXI, 1968.

## **Simpósio 16 - Partidos e organizações políticas do Brasil Republicano: cultura política, história e memória.**

### **Coordenadores:**

**Dr. Renato Soares Coutinho (UFF)**

**Dr. Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro (IFRJ)**

### **Resumo:**

O debate sobre memória, história e partidos políticos - vinculado à cultura política – possui destacado espaço na historiografia brasileira, uma vez que está intimamente relacionado às demandas e conflitos sociais das experiências políticas do Brasil republicano. Atualmente, pode-se observar um esforço por parte dos atores políticos em redimensionar e redefinir as trajetórias de determinados grupos e partidos a partir das interpretações e dos usos do passado como ferramenta de competição política. Os embates de memória sobre o golpe civil-militar de 1964 e sobre a ditadura militar são exemplos importantes desse processo que envolve memória, história e partidos.

Os estudos concernentes à relação entre História e Memória vinculados aos grupos e partidos políticos permitem pensar a interlocução entre as formas de elaboração da memória e os processos de construção das identidades sociais e projetos políticos, tendo em vista que é possível afirmar que não há memória sem disputa. Além disso, os projetos e identidades dos diversos partidos e/ou grupos políticos são construídos a partir de memórias compartilhadas que estão em constantes processos de conflitos e (re)significações.

Assim, o simpósio tem como objetivo estabelecer um diálogo teórico-metodológico entre os pesquisadores que se preocupam em estudar os partidos, os grupos, as associações e todo o conjunto de movimentos com finalidades políticas em sua relação com a memória. O simpósio visa permitir o debate entre as diversas culturas políticas que serviram (e servem) de base para diversas agremiações e partidos, perpassando pelas relações com o mundo do trabalho e por visões sociais de mundo que, ao longo dos anos, foram se modificando de acordo com a interpretação que tais organizações faziam da sociedade e do período pelo qual passavam. Vale destacar que essas culturas políticas são entendidas como os elementos culturais motivadores das escolhas e clivagens políticas que circulam no imaginário político de uma sociedade. Sendo assim, são compreendidas a partir das experiências e trajetórias sociais dos grupos que se identificam e se organizam em instituições políticas.

O simpósio também tem como objetivo debater sobre as memórias construídas por estes partidos/grupos e como elas foram elaboradas e redefinidas no decorrer das décadas. Pretende ainda apresentar e discutir as interpretações sobre o campo específico da História e Memória, debater trabalhos que abordem diferentes temáticas e analisar questões teóricas e metodológicas relativas à utilização e ao tratamento das fontes, revelando o papel fundamental das pesquisas realizadas e abarcando reflexões críticas sobre o uso das mais diversas fontes (relatos orais e escritos, iconografias,

programas de TV e de rádio, imprensa, charges, obras literárias, filmes, documentários, biografias e autobiografias, etc.).

### Bibliografia

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. 2 ed. São Paulo, LTr, 2011.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *História e cultura. Definições, usos, genealogias*. IN: *Varia História*, n. 28, Belo Horizonte, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HIPPÓLITO, Lucia. *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4 ed. Campinas: ed. Unicamp. 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). *Comunistas Brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.

POLLAK, M. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, pp. 200-212.

RÉMOND, René (org.). *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.



## Simpósio 17 - Imagens e História: abordagens multidisciplinares no Ensino e Pesquisa em História

### Coordenadores:

Dr<sup>a</sup>. Andréa Casa Nova Maia (UFRJ)

Dr. Wolney Vianna Malafaia (Colégio Pedro II)

### Resumo:

Esse Simpósio Temático tem como objetivo a construção e afirmação de um espaço no qual possamos debater as análises e propostas pedagógicas formuladas no campo da História sobre as variadas formas de imagens e suas aplicações ao ensino e à pesquisa. Tendo como fundamento o uso e o abuso de fontes imagéticas no trabalho do historiador, consideramos que esse uso em sala de aula não só amplia a capacidade crítica e analítica dos estudantes como, também, possibilita a diversificação das formas de se ver e entender a História, como disciplina e processo de transformação social. Por outro lado, trabalhar a potencialidade das imagens, como registros históricos, possibilitando esse aprofundamento em seu universo próprio, das imagens pictóricas às imagens industrialmente produzidas, enriquece o trabalho do pesquisador e consolida novos campos para o ofício do historiador e para as Ciências Humanas em geral.

### Bibliografia:

- AUMONT, Jacques. *A Imagem*, Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 2<sup>a</sup> ed., 1995.
- CARDOSO, C.; MAUAD, Ana M. Imagem e História, O Caso da Fotografia e do Cinema. In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas. (Org.). OS DOMÍNIOS DA HISTÓRIA. 1ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 401-418.
- FERRO, Marc, *Cinema e História*, São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- MAIA, A. C. N. História oral e direito à cidade: Paisagens urbanas, narrativas e memória social. 1. ed. São Paulo: Letra & Voz, 2019. v. 1. 213p.
- MAIA, ANDRÉA CASA NOVA; CARDOSO, L. C.; SANTOS, V.S. Russos em Revista A revolução Russa nas Revistas Ilustradas Brasileiras. 1. ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2018. v. 1. 168p.
- MAUAD, Ana M. Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias. 1. ed. Niterói: EDUFF, 2008. v. 1. 261p.
- MAUAD, Ana M. Olhos para ver e conhecer: fotografia e os sentidos da história. In: Alberto Gawryszewski. (Org.). Imagem em Debate. Londrina: EdueL, 2011, v., p. 109-134.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Como usar a televisão na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- NOVA, V. C. (Org.); MAIA, A. C. N. (Org.). Ética e Imagem. 1. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2010. 200p.

ROSENSTONE, Robert A., *A história nos filmes, os filmes na história*, São Paulo: Paz e Terra, 2010.

## Simpósio 18 - Os protestantismos no Brasil: histórico e reflexões críticas.

### Coordenadores:

Dr<sup>a</sup>. Rossana Britto (UFES)

Dr. Sergio Marlow (UFES)

Doutoranda Réia Silvia Gonçalves Pereira (UFES)

### Resumo:

Trata-se de uma proposta de simpósio temático a respeito da experiência do cristianismo reformado no Brasil desde as origens coloniais com a vinda dos huguenotes no século XVI para região da Baía da Guanabara e a repressão inquisitorial aos réus, ao Brasil contemporâneo com o “boom” neopentecostal.

A principal justificativa para realização deste simpósio é agregar as pesquisas científicas sobre a história da experiência protestante na sociedade brasileira, como também a divulgação científica destas novas pesquisas.

O objetivo é realizar um balanço historiográfico dos estudos sobre os protestantismos no Brasil a partir de novas leituras e enfoques teóricos e metodológicos visando apresentar diversificados estudos sobre:

- O cristianismo reformado no Brasil Colonial;
- O protestantismo no Brasil Imperial;
- Primeiras igrejas protestantes no país;
- Movimentos evangélicos no Brasil contemporâneo e a explosão neopentecostal.

### Bibliografia:

BONINO, José M. Rostos do protestantismo latino-americano. São Leopoldo: Sinodal. 2002.

BRITTO, R.G. Os Pecados do Brasil. Serra: Editora Milfontes, 2018.

\_\_\_\_\_. A Igreja Bola de Neve e a vivência contemporânea do cristianismo. *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, v. 15, n. 2, dezembro de 2018, p. 451-482. Acesso em: 16/03/20. <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/42195>

DELUMEAU, J. De religiões e de homens. SP: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. História do medo no Ocidente (1300-1800). SP: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Nascimento e afirmação da Reforma. São Paulo: Pioneira, 1988.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2011.

MARLOW, Sergio L. A perseguição a luteranos durante as décadas de 1930 e 1940 no Brasil: o caso do Sínodo de Missouri no Rio Grande do Sul. In: Horizonte –Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. V. 12, n. 33, p. 121-140, mar. 2014

MENDONÇA, Antônio G. O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## **Simpósio 19 - Livros e Impressos Efêmeros: a circulação de ideias e o consumo no longo século XIX**

### **Coordenadoras:**

**Dr<sup>a</sup>. Tania Bessone (UERJ)**

**Pós-Doutoranda Joana Monteleone (USP)**

### **Resumo:**

A história dos impressos no Brasil vai muito além do livro. Inclui a montagem de um parque gráfico razoavelmente grande, com editores, impressores e trabalhadores especializados, o cruzamento e a proximidade entre imprensa, livreiros, escritores e jornalistas, a venda e distribuição de uma enorme variedade de produtos gráficos que não eram apenas livros. Esses produtos se enquadram na categoria de Impressos Efêmeros. São panfletos (políticos, religiosos, de propaganda e outros), jornais, revistas, almanaques, cardápios, menus de dança ou de prospectos de viagem, embalagens, santinhos, livros de condolências, de natalício, cartões postais e de Natal, entre muitos outros. Ainda assim, o livro é o maior produto desse novo negócio que se amplia enormemente ao longo do século XIX -- por isso é o mais importante. É o livro que norteia e capitaliza toda produção de outros produtos gráficos do período.

Muitos dos impressos efêmeros se cruzaram com a história dos livros e da edição no Brasil do oitocentos. Esse cruzamento se dava de diferentes formas: eram impressos nas mesmas gráficas, partilhavam de designs comuns, habitavam as mesmas páginas dos almanaques, revistas e jornais da época, eram pensados e colocados em prática por uma mesma pessoa. No fundo, impressos efêmeros e livros comungavam desse novo tempo do capitalismo estabelecido após a Independência.

O século XIX também foi pródigo em inovações e invenções – e isso se reflete na maneira de criar novos meios de espelhar ideias e informações. Fotografias e seus álbuns (de cidades, de famílias, de casamento, de morte), cartões postais, diários, anúncios, santinhos, embalagens, cardápios foram algumas dessas invenções que passaram a fazer parte do cotidiano. As inovações gráficas, com novas maneiras de se imprimir em diferentes suportes de diversos tamanhos (papeis, tecidos, cartolinas), modificou a maneira como as pessoas se relacionavam com as informações que chegavam até eles. A crescente alfabetização da população foi essencial neste momento e ajudou a fomentar as artes gráficas, mas com imagens circulando por diferentes meios uma parte da população conseguia entender e participar dessas transformações.

Neste simpósio, a ideia é dar espaço para comunicações que incluam estudos sobre livros e impressos efêmeros, sobre os trabalhadores da indústria gráfica, jornalistas e escritores, editores e livreiros. A ideia é discutir a emergência desse mundo gráfico e visual do século XIX, entender suas relações econômicas, políticas e sociais.

### **Bibliografia**

ABREU, Marcia Azevedo. *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

BESSONE, Tânia Maria. Palácio de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

COSTA, Carlos; A revista no Brasil do século XX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2012.

DAECTO, Marisa Midori. O império dos livros. São Paulo: Edusp, 2011.

DARNTON, Robert. A questão dos Livros: passado, presente e futuro. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EL FAR, Alessandra. Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 e 1924). São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil (Sua história). São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1985.

LUSTOSA, Isabel. *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2008.

MARINGONI, Gilberto. Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da corte à capital federal, 1864-1910. São Paulo: Devir, 2011.

MEGANI, Ana Paula e ALGRANTI, Leila Mezan. *O império da escrita. Formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico, séculos XVI –XIX*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009.

MOLLIER, Jean Yves. O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial. São Paulo: Edusp, 2010.

## Simpósio 20 - História e Literatura

### Coordenadores:

**Dr. André da Silva Ramos (USP)**

**Dr. Daniel Pinha Silva (UERJ)**

### Resumo:

Este Simpósio visa a reunir pesquisas acerca da articulação entre literatura e história, enfatizando a especificidade de uma reflexão historiográfica que problematize com complexidade as correlações entre ficção e realidade histórica, o caráter peculiar do texto literário (em todos os seus gêneros) e seus numerosos cruzamentos com a crítica, a história e a historiografia. Considerando contextos históricos variados, propõe-se aqui aprofundar a reflexão sobre o texto literário do ponto de vista de diferentes circunstâncias de produção, circulação e recepção da obra. São bem-vindas propostas que focalizem as percepções sobre o tempo e a história em obras literárias; análises de histórias literárias que contenham ou indaguem as referências nacionais e transnacionais; pesquisas que tratem de aproximações e distanciamentos entre narrativas literárias e narrativas historiográficas ou que examinem as condições histórico-sociais de circulação/recepção de textos literários. Igualmente desejáveis são trabalhos que discutam tensões e afinidades teóricas entre os campos, apostando na perspectiva interdisciplinar própria à análise do fenômeno literário; enfim, um conjunto amplo de trabalhos que tragam para debate a reelaboração da experiência histórica oferecida pela literatura.

### Bibliografia

- ADORNO, Theodor. "O que significa elaborar o passado". In: Educação e emancipação. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor. Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.
- AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Cosac Naif, 2015.
- AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. Tradução: George Bernard Sperber. 2.ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1976 (Coleção Estudos – Crítica, 2).
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III. 3.ed. 2a.reimp. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre história da cultura. Obras Escolhidas I. 7.ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BOSI, Alfredo. O Ser e o Tempo na Poesia. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CANDIDO, Antônio. A formação da literatura brasileira. Belo horizonte: Itatiaia, [1984].



CÂNDIDO, Antônio. Educação pela noite e outros ensaios. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. O discurso e a cidade. 3.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

CANDIDO, Antônio. Textos de intervenção. 2.v. (seleção e notas de Vinicius Dantas). São Paulo: Duas Cidades/Ed.34. 2002.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida e GOMES, Paulo Emilio Salles. A Personagem de Ficção. 4.ed. SP: Perspectiva, 1974.

COSTA LIMA, Luiz. Teoria da Literatura em suas fontes. v.2. 2.ed. RJ: Francisco Alves, 1983.

COSTA LIMA, Luiz. A ficção e o poema. SP: Cia. das Letras, 2012, p.97-127.

COSTA LIMA, Luiz. Mímesis e Modernidade: formas das sombras. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GAY, Peter. Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. Tradução: Rosa Freire d'Águilar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

GINZBURG, Carlo. Relações de força: história, retórica, prova. Tradução: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. Campinas: Autores associados, 2012.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2010

ISER, Wolfgang. O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético. Vols 1 e 2. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. O Fictício e o Imaginário – Perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

LA CAPRA, Dominick. Escribir la historia, escribir el trauma. Buenos Aires: Nueva visión, 2005.

LUKÁCS, Georg. A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Ed.34, 2000.

LUKÁCS, Georg. Marxismo e Teoria da Literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LUKÁCS, Gyorgy. O romance histórico. São Paulo: Boitempo, 2011.

RAMA, Ángel. Literatura, cultura e sociedade na América Latina. (org. Pablo Rocca). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SCHWARZ, Roberto. Seqüências brasileiras: ensaios. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

THOMPSON, E. P. Making history: writings on history and culture. New York: The New Press, 1994.

TRAVERSO, Enzo. Le passé, modes d'emploi: histoire, memoire, politique. Paris: LaFabrique, 2005.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

## **Simpósio 21 - Por um olhar mais amplo para a América Latina: violência, ideias políticas e protagonismos sociais entre os séculos XIX e XX.**

### **Coordenadores:**

**Dr. Mario Angelo Miranda (UERJ)**

**Ms. Juliana Sabatinelli (PUC-RJ)**

### **Resumo:**

O simpósio temático “Por um olhar mais amplo para a América Latina: violência, ideias políticas e protagonismos sociais entre os séculos XIX e XX” tem por objetivo discutir pesquisas focadas na História da América Latina que incorporem perspectivas teórico-metodológicas para além dos estudos centrados em uma história nacional, na construção de uma identidade latina, na produção dos “heróis” e “mitos”, no discurso da violência para legitimar movimentos políticos, nos processos revolucionários “de cima para baixo” ou nas repressões governamentais. Neste sentido, em uma interface com a História Cultural, a História Intelectual e da História Política “renovada”, busca-se viabilizar o diálogo entre trabalhos que incorporem novas tendências de pesquisas historiográficas, com a apresentação outras agências, temáticas e abordagens. Serão bem-vindas comunicações que i) apresentem trajetórias e produções dos múltiplos sujeitos e grupos políticos, institucionais ou marginalizados, atuantes na esfera pública por meio da imprensa, das letras e/ou símbolos ii) versem sobre o uso da violência nos processos históricos latino-americanos e os limites de sua naturalização na trajetória do subcontinente, iii) trabalhem conceitos chaves para o entendimento das sociedades latino americanas, principalmente no que diz respeito à política, cultura e nacionalidade. Dentro deste escopo, a proposta abrange estudos dedicados a entender o papel de distintos protagonistas históricos nos processos de formação dos Estados - indígenas, mulheres, negros, “subalternos” -, as lutas entre grupos, entre ideias e entre princípios políticos - Federalismo, Unitarismo, Monarquia, entre outros -, o papel da imprensa e dos escritos dentro e fora desses espaços - a produção de exilados políticos, as visões sobre os acontecimentos -, os usos dos conceitos em formação - principalmente no XIX -, as ideias e linguagens políticas na América Latina do século XX e seus alcances, impactos e ressignificações. De um modo mais geral, visa-se a apresentação de pesquisas que contribuam para repensar e transformar as análises históricas latino-americanas, estabelecendo múltiplas e distintas conexões entre grupos e Estados, sendo bem-vindos trabalhos que procuram refletir acerca de histórias transnacionais, conectadas e cruzadas, ou mesmo estudos interdisciplinares articulados às chamadas questões pós ou decoloniais.

### **Bibliografia:**

ANSALDI, Waldo. El Autoritarismo. IN: CASAÚS, Marta; MACLEOP, Morna (coords). América Latina entre el autoritarismo y la democratización (1930-2012). Volumen VI. Espanha: Marcial Pons; Prensa de la Universidad de Saragoça, 2016.

CHIARAMONTE, José Carlos. Raíces históricas del Federalismo Latinoamericano. Buenos Aires: Sudamérica, 2016.

GARCÍA, Julián López, JUÁREZ, Lorenzo Mariano. Violencias contemporáneas u culturas políticas en America Latina. IN: CASAÚS, Marta; MACLEOP, Morna (coords). América Latina entre el autoritarismo y la democratización (1930-2012). Volumen VI. Espanha: Marcial Pons; Prensa de la Universidad de Saragoça, 2016.

MACIAS, Flavia. La ciudadanía y su dimensión política en la America Latina decimonónica. In: LOBATO, Mirta Z. e VENTUROLI, Sofia. Formas de Ciudadania en America Latina. Vervuet: AHILA – Iberoamericana, 2013.

POCOCK, J. G. A. Linguagens do Ideário Político. Sérgio Miceli (org.); tradução Fábio Fernandez. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SEBASTIÁN, Javier Fernández (dir). Diccionario político y social del mundo iberoamericano. La era de las revoluciones, 1750-1850. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales; Ministerio de la Cultura, vol. I, 2009.

## Simpósio 22: Entre a modernidade e a tradição: política e cultura no século XIX

### Coordenadores:

Dr. Rafael Cupello Peixoto (UCL)

Dr<sup>a</sup>. Layli Oliveira Rosado (UFES)

### Resumo:

O século XIX foi um período de importantes transformações políticas, sociais, culturais e econômicas. Os monarcas absolutistas europeus buscavam estabilizar o continente após as Guerras Napoleônicas buscando evitar uma “segunda Revolução Francesa, ou ainda a catástrofe pior de uma revolução europeia generalizada tendo como modelo a francesa [...]” (HOBSBAWM, 2016, p. 179). Nesse sentido, a Europa atravessava uma “onda conservadora”, dividida entre conservadores e tradicionalistas, sendo os primeiros adeptos a mudanças moderadas, admitindo um governo constitucional e representativo, afastando o excesso revolucionário; e os segundos defensores de uma ideologia reacionária, apresentando as matrizes do Antigo Regime como reagentes ao liberalismo, encarados como destruidores dos valores tradicionais da sociedade e que, portanto, levava o homem à condição bestial (LYNCH, 2014).

Entretanto, apesar do esforço conservador em “parar o carro da revolução”, aquele século assistiu à consolidação do capitalismo como sistema econômico global (TOMICH, 2011). No aspecto cultural, testemunhou a afirmação dos valores burgueses “vitorianos”. (GAY, 2002). Dessa forma, é possível perceber que o século XIX trouxe os ventos da transformação e da ousadia, porém ao mesmo tempo buscou resgatar as tradições da antiga sociedade de corte (MAYER, 1987). No campo das expressões culturais, encontram-se manifestações que revelavam um novo olhar sobre a sociedade, como por exemplo, os pintores impressionistas. Todavia, nos salões oficiais de arte eram as obras acadêmicas que prevaleciam. No campo da moda, a produção se tornou cada vez mais industrial e em larga escala. Entretanto, nos bailes e cerimônias prevaleciam as silhuetas femininas inspiradas no século XVIII. Surgiram na Europa as *maisons* de luxo que produziam vestes sob medida para clientes específicas que desejavam peças inspiradas em personagens do Antigo Regime.

As contribuições decisivas das reflexões iluministas e os adventos da Revolução Francesa e Industrial foram essenciais para a formação coletiva do conceito de *modernidade* e a partir dele a vivência da “história em si” ou “história de fato” (KOSELLECK, 2006). É precisamente a interface entre os ventos da modernidade e a força da tradição que este simpósio visa discutir. Neste sentido, procuramos pesquisas, dentro do campo da História Política e Cultural, que versem sobre as rupturas e continuidades entre o mundo tradicional do Antigo Regime e o advento dos “tempos modernos”.

### Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In KOTHE, Flávio (Org.). *Walter Benjamin*. SP: Ed. Ática, 1991, p.30-43.

\_\_\_\_\_. *A Modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2000.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média, 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. SP: Companhia das Letras, 1987.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LYNCH, Christian E. C. *Monarquia sem despotismo e liberdade sem anarquia: o pensamento político do Marquês de Caravelas. (1821-1836)*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo (séc. XVII-XIX)*. RJ: Editora Rocco, 2000.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. S.P., Cia das Letras, 1998.

TOMICH, Dale W. *Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: EdUSP, 2011.

## **Simpósio 23 - A pandemia de covid-19 e o lugar da História do tempo presente na sala de aula**

### **Coordenadores:**

**Dr<sup>a</sup>. Giselle Pereira Nicolau Loureiro (CAp-UERJ)**

**Dr. Leonardo Padilha (UERJ/CAp-UERJ)**

**Dr<sup>a</sup>. Vivian Zampa (UERJ/CAp-UERJ)**

### **Resumo:**

Na atualidade, os historiadores vêm reconhecendo o valor do tempo presente na conformação de seu saber. Instigados pela proliferação de notícias e recursos que são oferecidos pela mídia e demais meios digitais, estes profissionais têm se valido destes artefatos a fim de produzirem suas fontes documentais e investigações históricas. Concomitantemente, os fenômenos sociais e as experiências consideradas traumáticas, as quais produziram inúmeros testemunhos, a exemplo do holocausto, endossaram a relevância desse campo, a partir da valorização das memórias coletivas e narrativas, que não poderiam escapar da percepção e do olhar atento do historiador.

Ao mesmo tempo em que a História do tempo presente encontra desafios para se legitimar enquanto um saber autônomo, na prática cotidiana de sala de aula não tem sido diferente, conforme apontou Marieta Ferreira. Isto se deve a visão pouco problematizada do conhecimento histórico, a qual se vale de uma explicação unívoca e linear, que vem se disseminando no seio escolar. Por essa razão, é necessário, pois, atentar-se para as múltiplas interpretações da História, a fim de destacar as especificidades deste campo de estudo, desde a sua produção à propagação de seus discursos.

Se por um lado, evocar o tempo presente nas aulas de história constitui-se em um desafio, por outro não isenta o professor de apresentar uma abordagem rica, capaz de suscitar o interesse de seus discentes, conduzindo-os a reflexões consistentes, livres de simplificações e reducionismos. Trazer para a sala de aula temas atuais, possibilitam compreender conceitos caros à disciplina, tais como de cidadania, democracia, direitos humanos, dentre tantos outros que exigem do educador o manejo dos conteúdos e das múltiplas linguagens.

No tempo presente, a humanidade tem atravessado um momento de excepcionalidade, por conta da pandemia de covid-19. As medidas restritivas, as quais impuseram uma nova rotina aos profissionais da educação e estudantes que, uma vez privados do convívio escolar, tiveram que repensar as suas práticas pedagógicas. No caso da história, de um modo particular, este período possibilitou reavaliar a maneira pela qual os alunos se relacionam com disciplina, quais os usos práticos do aprendizado histórico escolar, dentre os outros questionamentos que emergem a partir desta crise sanitária. É imprescindível trazer esse tema para o centro debate historiográfico, deslindando os limites e as possibilidades da História do tempo presente no exercício da formação de alunos conscientes do processo histórico.

## Bibliografia:

- AREND, Sílvia Maria Fávero; MACEDO, Fábio. Sobre a História do Tempo Presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. . Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 1, n. 1, pp. 201-216. jan./jun. 2009.
- BEDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005, pp.219-229.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, nº 3, p. 111-124, maio/jun., 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História do tempo presente e ensino de história. Revista História Hoje.
- HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andréa S. de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- HOBSBAWM, Eric J. O presente como História. In:\_\_\_\_. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NICOLAU, G. P.; ZAMPA, V. Cultura Histórica e aprendizado de História em tempos de pandemia. In: Ciclo virtual internacional de Comunicações de História Política, 2021, Rio de Janeiro. Anais do Ciclo Virtual Internacional de Comunicações de História Política. Porto: Editora Cravo, 2020. p. 553-561.
- NICOLAU, G. P.; WANDERLEY, S. Aprender História em tempos de pandemia: Aprendizado escolar e cultura histórica. In: XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: História, Memórias e Projetos para o Ensino de História no Brasil, 2020. Anais do XI Perspectivas do Ensino de História - ABEH 2020, 2020.
- ROUSSO, Henry. La dernière catastrophe: l'histoire, le présent, le contemporain. Paris: Galimard, 2012.
- SARLO, Betariz. Tiempo Presente: notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2001.
- SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, pp. 99-129. jan./abr. 2017.



## Simpósio 24 - Moda, Imagem & Poder

### Coordenadores:

Dr<sup>a</sup>. Camila Borges da Silva (UERJ)

Dr. Paulo Debom (UCL)

### Resumo

O simpósio Moda, Imagem & Poder funciona dentro da Semana de História Política da UERJ desde 2012 com a coordenação dos mesmos professores. Recebe pesquisadores de programas de pós-graduação de diversas regiões do país. Em 2019, a partir dos trabalhos apresentados nele, foi publicado o dossiê *Moda & História* pela revista Veredas da História. Os estudos sobre os trajes e suas múltiplas possibilidades de significados ao longo da História têm se tornado uma constante no cotidiano de pesquisadores, docentes e estudantes em diversas áreas da produção acadêmica no Brasil. O campo da moda é possuidor de características muito originais e, uma delas, é o de ser um espaço de diálogo entre a atmosfera do pensamento e o mundo da construção das aparências. Um entrecruzamento onde os tecidos e as ideias podem ser costurados, remendados e customizados. Se o tema já por longo tempo ocupa as reflexões de intelectuais e pessoas ligadas aos espaços de pesquisa no mundo afora, no Brasil esse é um processo um pouco mais recente, que vem ganhando fôlego nas últimas duas décadas. O número de estudos relacionados ao tema não cessa de crescer nos cursos de pós-graduação de nosso país. Uma das características da moda enquanto objeto de estudo é a sua inevitável interdisciplinaridade. Os estudiosos do tema estão espalhados pelas mais diferentes áreas, tais como história, sociologia, comunicação, design, antropologia, artes, entre outros. Por esta razão, as formas de abordagem e os temas trabalhados formam um enorme *patchwork* que precisa ser lido e decifrado. O estudo da moda apresenta relações com a cultura e as representações da sociedade. Uma roupa jamais pode ser reduzida a um simples conjunto de tecidos que se coloca sobre o corpo. Ela é muito mais. Trajes e acessórios vestem corpos que são construídos culturalmente, logo expressam com grande força os processos de construção de subjetividades nas sociedades ao longo do tempo. Pensar sobre moda, independentemente do período escolhido, é mergulhar no campo da cultura das aparências e suas relações com as esferas de poder e saberes nas mais diversas épocas. Moda é História e se interpenetra com as noções de indumentária, corpo, resistência, vaidade, tempo presente, desejos, demarcação de territórios, distinção de classe, construção de identidades, etc. O objetivo desse simpósio é discutir a História da Moda em suas diversas interfaces com as múltiplas áreas do conhecimento.

### Bibliografia

BARTHES, Roland. *Inéditos 3: imagem e moda*. SP: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo- Séculos XV-XVIII: as estruturas do cotidiano*. Volume 1. SP: Editora Martins Fontes, 2005.

BONADIO, Maria Cláudia; MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa de (org.). *História e cultura de moda*. SP: Estação das Letras e Cores. 2011.

CALANCA, Daniela. *História social da moda*. SP: Editora SENAC, 2008.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo (séc. XVII-XIX)*. RJ: Editora Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*, SP: Editora SENAC, 2007.

SILVA, Camila Borges; MONTELEONE, Joana; DEBOM, Paulo (orgs). *A História na Moda, a Moda na História*. SP: Alameda editorial, 2019.

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2010.

## **Simpósio 25 - História e Memória das Ditaduras e Redemocratizações na América Latina**

### **Coordenadoras:**

**Dr<sup>a</sup>. Andréa Cristina de Barros Queiroz (UFRJ)**

**Dr<sup>a</sup>. Izabel Priscila Pimentel da Silva (UERJ)**

**Doutoranda Lays Correa da Silva (UFRJ)**

### **Resumo:**

A segunda metade do século XX foi marcada na América Latina, em especial na região do Cone Sul, pela emergência e consolidação de longas ditaduras militares, que, contando com o apoio de amplos setores civis, iriam perseguir, cassar, censurar, prender, banir e matar as vozes dissidentes e seus opositores políticos.

Com o fim das ditaduras, os países latino-americanos, cada um com sua temporalidade e características específicas, passaram pelo complexo processo de redemocratização. Inseridos em conjunturas políticas distintas e condicionados pela correlação de forças dos grupos políticos nacionais, os países latino-americanos tiveram que enfrentar o desafio de lidar com seu passado autoritário e com as demandas de reparações das violações dos Direitos Humanos cometidas durante as ditaduras, no bojo da chamada Justiça de Transição.

Na medida em que as sociedades latino-americanas iam reconstruindo suas democracias, também se iniciava o processo de construção das memórias das ditaduras e redemocratizações. Esse constante processo de (re)construção do passado tem sido baseado, sobretudo, nos depoimentos e testemunhos de ex-militantes políticos, que se tornaram uma das fontes preferenciais para os historiadores. A explosão de narrativas memorialísticas e os discursos testemunhais estão articulados aos usos políticos do passado e aos embates do presente no campo político, ideológico e historiográfico.

Os debates em torno da memória sobre o passado autoritário também foram fomentados pela instauração de Comissões de Verdade nesses países. Esses mecanismos tiveram como foco principal o relato das vítimas e seus informes se constituíram como um primeiro relato oficial sobre a história da repressão, tornando-se assim importantes fontes para os historiadores.

Merece destaque também nessa proposição as relações que se estabelecem entre a memória e as questões que envolvem os lugares, efemérides, tempos e poderes. As memórias, individual e coletiva, sempre se fazem em algum lugar, que lhes imprime uma referência. Os lugares constituem-se representações importantes na memória de indivíduos e sociedades. Assim como, as mudanças empreendidas nestes locais sempre acarretam mudanças na percepção da realidade e das vidas, que se inscrevem nesses "lugares". Além das marcas territoriais, as rememorações do passado também podem ser expressas através das efemérides e comemorações, que atuam como veículos da memória e de reconstruções de identidades coletivas. Neste sentido, é pertinente destacar que os interesses e embates do presente norteiam e definem o trabalho de rememoração e/ou celebração do passado.

Nesse simpósio, serão bem vindas análises teóricas ou estudos de caso que contemplem as estruturas burocrático-militares, mecanismos de repressão e projetos autoritários das ditaduras na América Latina na segunda metade do século XX; os projetos de resistências, armadas ou não, às ditaduras latino-americanas; as discussões sobre o consenso e o apoio civil às ditaduras militares na América Latina; a atuação e projetos políticos dos partidos, organizações e movimentos sociais ao longo das ditaduras e no período de redemocratização; os distintos caminhos do processo de redemocratização e os mecanismos de Justiça de Transição nos países latino-americanos; reflexões e discussões teóricas sobre história, memória, esquecimento, articuladas às análises das disputas de memórias e da construção de narrativas acerca das ditaduras e redemocratizações na América Latina.

### Bibliografia

JELIN, Elizabeth. *La lucha por el pasado. Cómo construimos la memoria social*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017.

JELIN, Elizabeth & LANGLAND, Victoria.(orgs.). *Monumentos, memoriales y marcas territoriales*. Colección Memorias de la Represión. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*, São Paulo, nº 10, 1993.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 5, n.10, p.200-212, 1992.

QUADRAT, Samantha Viz & ROLLEMBERG, Denise (orgs). *História e memória das ditaduras do século XX*. Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

RICOEUR, Paul. *Entre mémoire et histoire*. Projet, Paris, n.248, 1996.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2002.

TRAVERSO, Enzo. “Historia y Memoria. Notas sobre un debate”. In: FRANCO, Marina & Levín, Florencia (orgs). *Historia Reciente. Perspectivas y desafíos para un campo en construcción*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2007.

LORENZ, Federico; MARCHESI, Aldo; STERN, Steve & WINN, Peter (Orgs.) *No hay mañana sin ayer: batallas por la memoria histórica en el Cono Sur*. Santiago: LOM Ediciones, 2014.

## **Simpósio 26 -Biografias e Trajetórias: o limiar do biográfico na perspectiva da Nova História Política**

### **Coordenadoras:**

**Dr<sup>a</sup>. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves (UERJ)**

**Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Delmas (UERJ)**

### **Resumo:**

Ainda hoje o uso do biográfico gera alguma polêmica, que descende da rejeição a uma História Política dos grandes homens e dos grandes feitos, escrita com base em fontes oficiais e regularmente constituídas. Sendo assim, não raro, falar sobre biografias traz consigo uma introdução apologética, uma vez que o biográfico ainda é visto como um representante de uma história política parcial e incapaz de crítica. Porém, após uma renovação da História Política e do próprio gênero biográfico, os historiadores vêm aumentando seu esforço de pesquisa sobre este. A crítica dos *Analles* fez com que a Antiga História Política desse lugar a sua versão mais madura: a Nova História Política, remissão que se estendeu também ao uso do biográfico. Nos últimos anos todo tipo de escrita de si vem conquistando espaço, tanto no mercado editorial (o gênero, mesmo em sua forma menos crítica, nunca saiu do gosto do público em geral) quanto na academia. Biografias, trajetórias, diários, correspondências, autobiografias, memórias, e trabalhos muito interessantes tem se debruçado sobre a análise do referido gênero. O biográfico continua mantendo suas ambiguidades, estando no centro das preocupações de historiadores, mas é notório que a biografia renovada traz diversas contribuições ao estudo da História, tanto ao trabalhar com personagens históricos, quanto ao trabalhar com questões de cunho historiográfico, como o universo do indivíduo problematizado, as fontes utilizadas, a neutralidade da documentação, a riqueza das trajetórias, as diferentes abordagens possíveis para o trabalho. Uma das possibilidades é a abordagem em que a época e o meio têm a possibilidade de caracterizar um ambiente capaz de explicar a singularidade das trajetórias. Dessa forma, a biografia cria para um historiador um caminho duplo: a reconstituição do ambiente histórico e social em que estão inseridos indivíduo e os acontecimentos permite compreender sua conduta, sem, no entanto, reduzi-la a um comportamento-típico, mas interpretando-os a luz de seu contexto, vendo cada indivíduo como um homem (ou mulher) de seu tempo. Nesse caso, a construção da biografia converte-se na busca pelo equilíbrio entre a trajetória individual e o sistema social que a cerca. Outro caminho é o das trajetórias, em que se pode conjugar o contexto histórico e político, biografias e acontecimentos ligados a um período de circulação e transição de ideias. Sem esquecer que é preciso seguir regras rigorosas para distanciar a biografia histórica da biografia literária. É nesse contexto historiográfico que o presente Simpósio Temático convida aqueles que fazem uso do biográfico e do político em seus trabalhos a se reunirem para discutir ideias e trocar experiências na XV Semana de História Política da UERJ.

### **Bibliografia:**

- BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica." In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 183-191.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço. Biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 167-182.
- LEVILLAIN, Philippe. "Os protagonistas: da biografia". In: RÉMOND, René (dir.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996. p.171-184.
- LORIGA, SABINA. *O pequeno X. Da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. "La biografia como género historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales." In: SCHMIDT, Benito Bisso. *O Biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. pp. 9-48.
- SCHWOB, Marcel. *Vidas imaginárias*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SIRINELLI, Jean-François. "El retorno de lo político". In: *Historia Contemporánea*, nº 9. Bilbao: Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea: Servicio de Publicaciones, 1993. p. 25-35.

## **Simpósio 27 - Impérios ultramarinos e experiências coloniais: governança, cultura, sociedade, trabalho, religiosidades, resistências e ideais de conquista – Séculos XVI-XVIII**

### **Coordenadores**

**Dr. Fabiano Vilaça dos Santos (UERJ)**

**Dr<sup>a</sup>. Nívia Pombo (UERJ)**

### **Resumo**

O simpósio tem como principal objetivo congregar perspectivas historiográficas distintas sobre a experiência da colonização portuguesa, em particular as dinâmicas relacionais estabelecidas entre os séculos XVI e XVIII, quando se forjou o sistema do Atlântico Sul. Nos últimos 30 anos, a historiografia brasileira apresentou novos questionamentos, metodologias e fontes documentais que permitiram rever interpretações clássicas, ou ainda, testar algumas hipóteses lançadas por elas. Haveria um sentido da colonização ou o império colonial português da época moderna, no que pese sua inegável conexão, comportaria sistemas coloniais distintos? É possível questionar o eurocentrismo de algumas abordagens? Qual o papel, por exemplo, desempenhado pelas visões de mundo e governo das sociedades indígenas e africanas no modelo de conquista imposto pelos portugueses no processo de colonização? Sem a intenção de oferecer respostas a tais problemáticas, acreditamos que elas colaboram para inspirar e acomodar um leque alargado de proposições. Assim, o simpósio acolherá trabalhos que abordem releituras de temas clássicos da historiografia, mas também os que se debruçam sobre temáticas novas, descortinadas a partir da década de 1980 no Brasil. Acreditamos que, deste modo, teremos a oportunidade de refletirmos coletivamente sobre as distintas práticas teórico-metodológicas adotadas nas investigações, a partir de múltiplas abordagens temáticas, tais como: a implantação do sistema de capitanias, do governo-geral e da justiça; as nomeações dos capitães-gerais e vice-reis, bem como suas práticas governativas; os estudos sobre as formas de resistências e revoltas coloniais; o papel da Igreja e das religiosidades ameríndias e africanas; a escravidão e os distintos mundos do trabalho; a formação das plantations e de outras formas de usos da terra; o imaginário da conquista e da colonização; o reformismo ilustrado, a ciência e a história natural; os trabalhos de demarcações de fronteiras e limites, bem como as ações de configuração e reconfiguração dos territórios; as redes de poder, as elites locais e suas práticas; cultura escrita e formas de comunicação política; a circulação dos agentes da Coroa, de ideias e de saberes; entre outras possibilidades. O Simpósio Temático se coloca, assim, como uma oportunidade privilegiada para ampliarmos a compreensão da experiência colonial, colocando-a como parte essencial, dinâmica e ativa da modernidade europeia. Tal aspecto não prescinde da possibilidade de enxergarmos como os processos históricos, bem como seus protagonistas sociais, conhecem singularidades e particularidades locais, ao mesmo tempo em que participam das conexões globais engendradas pelos impérios ultramarinos da Época Moderna.

Bibliografia:

- BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada (dirs.). A expansão marítima portuguesa, 1400-1800. Lisboa: Edições 70, 2018.
- BICALHO, Maria Fernanda; FURTADO, Junia Ferreira; SOUZA, Laura de Mello (orgs.). O governo dos povos. São Paulo: Alameda, 2009.
- CASTRO, João Henrique Ferreira de. Castigar sempre foi razão de estado? O Debate Sobre a Punição às Revoltas ocorridas no Brasil: Da defesa dos perdões à progressiva legitimação da violência (1660-1732). Niterói: PPGH-UFF, 2016 (Tese de doutorado).
- COSTA, João Paulo Oliveira e (coord.); RODRIGUES, José Damião; OLIVEIRA, Pedro Aires. História da Expansão e do Império Português. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Los imperios en su contexto global, c. 1500 - c. 1800. In: Debates y perspectivas; cuadernos de Historia y Ciencias Sociales, n° 2, 2002, p. 27-45.
- FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). O Brasil Colonial. 3 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Record, 2014.
- POMBO, Nívia. O Palácio de Queluz e o mundo ultramarino: circuitos ilustrados. Portugal, Brasil e Angola, 1796-1803. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2013.
- RUSSELL-WOOD, John. Histórias do Atlântico português. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SANTOS, Fabiano Vilaça dos. O governo das conquistas do norte: trajetórias administrativas no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1780). São Paulo: Annablume, 2011.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a reconfiguration of Early Modern Eurasia. In: Modern Asian Studies, vol. 31, n° 3, jul., 1997. pp 735-762.



## **Simpósio 28 - História local: contribuições da historiografia e do ensino de história.**

### **Coordenadores:**

**Dr<sup>a</sup>. Claudia Patrícia de Oliveira Costa (SEEDUC)**

**Dr. Leonardo Leonidas de Brito (Colégio Pedro II)**

### **Resumo:**

A área de Ensino de História cresceu vertiginosamente no Brasil, entre 2003 e 2015. Tal avanço pode (e deve) ser creditado à ampliação de políticas públicas no campo da formação inicial e continuada de professores para as redes públicas no país. Tal iniciativa pode ser evidenciada pelo crescimento relativo dos cursos de licenciatura nas universidades federais. Entretanto, foi, mais especificamente em função do maior acesso ao ensino superior proporcionado por programas federais de financiamento de estudos em instituições privadas de Ensino superior (Programa de Financiamento Estudantil – FIES e o Programa Universidade para Todos- PROUNI) - que ganharam corpo e maior dotação orçamentária dos governos Lula e Dilma 1 (2003-2014)- que a expansão do quantitativo de licenciados aptos a atuar nos diversos níveis da Educação Básica pôde ser efetivamente observado. Tal condição se refletiu diretamente na maior preocupação das áreas de História e Educação em ampliar seus respectivos escopos de atuação na formação continuada docente, notadamente no investimento material e humano, na criação e consolidação de grupos de pesquisa da área de Ensino de História. Cotejar informações das linhas e mapear os grupos com o descritor “Ensino de História” no diretório de grupos de pesquisa do CNPQ é uma boa forma para se dimensionar o “estado das artes” da pesquisa em ensino de História. O grifo na preposição em mais do que um mero recurso estilístico desta proposta de simpósio temático, converge com aquilo que Gabriel classifica como a “reafirmação da potência político epistemológica da pesquisa em ensino de História” (GABRIEL. 2019:143). Há a necessidade de se demarcar algumas fronteiras para a pesquisa na área. A singularidade do que fazemos e pesquisamos na sala de aula da educação básica é marca do nosso ofício: os diversos sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizado, a produção do saber histórico escolar, as narrativas construídas para a apreensão e compreensão do passado na sala de aula da escola básica, a economia das trocas simbólicas realizadas no espaço escolar, as questões políticas que envolvem a construção do conhecimento histórico na sala de aula e outros temas inerentes ao ofício do professor/pesquisador da educação básica. A interface entre duas áreas de conhecimento onde está situada pesquisa em ensino de História pressupõe, da mesma forma, sublinhar a condição de entrelugar com outros campos de conhecimento. E, na mesma linha do que propõe Gabriel (2019), também nos interessa menos destacar as especificidades do que se convencionou chamar de “lugar de fronteira” – entre a Educação e a História- e mais a potencialidade heurística da pesquisa em. Desta forma e “nessa perspectiva, caberia interrogar: o que colocar para dentro de uma cadeira definidora deste campo? Que contribuições/filiações? Quais

regimes de verdade?” (GABRIEL, 2019, p.152). Colocado desta forma e compreendendo o binômio pluralidade/singularidade das temáticas passíveis de abordagem na pesquisa em Ensino de História, compreendemos que este prólogo acerca das dimensões e da epistemologia do campo de Ensino de História serve de premissa à proposta de nosso simpósio temático. A História Local – pelo menos em sua perspectiva renovada – é, segundo Guillen, “necessária por oferecer esse contraponto, por viabilizar o entendimento do entorno do discente e por articular o passado e o presente nos vários espaços onde esse indivíduo Coelho e Bichara produziram no Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História, de 2017, um excelente panorama acerca da distribuição dos grupos de pesquisa descritos como de Ensino de História no diretório de grupos de pesquisas do CNPQ. O resultado desta pesquisa foi apresentado em COELHO, Mauro e BICHARA, T. “Ensino de História uma incursão pelo campo”. Vide bibliografia. frequente, como por exemplo, escola, casa, cidade, trabalho e etc., e por situá-lo nas problemáticas do momento” (GUILLEN. 2016). O objetivo do simpósio em tela é encetar a discussão de questões que envolvam o binômio Ensino de História e História Local como potência epistemológica para a produção historiográfica em variadas instâncias. Agregar trabalhos que versem sobre Ensino de História, História Local, memória e história, patrimônio, espaços e práticas pedagógicas associadas à história local. Narrativas, oralidade e ensino de História. Identidades locais e práticas na escola básica; educação histórica e cognição histórica; temas sensíveis e lugares de memória para a História local; história local: novos aportes teóricos e historiografia. Temas adjacentes que estejam associados à prática e reflexão do docente pesquisador da escola básica e a pesquisa em Ensino de História e História local renovada, a partir das bases teóricas que compõem esta proposta de simpósio temático (ST).

#### Bibliografia:

BARBOSA, Vilma de Lurdes. “Ensino de História Local: redescobrimos sentidos.” In Saeculum – Revista de História, João Pessoa, no 15, jul-dez, 2016.

BITTENCOURT, Circe M. F.. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Ed. Cortez, 2008.

CAVALCANTI, Luciana Araujo. A História Local no currículo da Educação Básica. Dissertação de Mestrado em Educação PPGE/UFPE, Recife, 2007.

CATROGA, Fernando. Memória, História e Historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001.

COELHO, Mauro e BICHARA, T. “Ensino de História uma incursão pelo campo” In MONTEIRO, Ana e RALEJO, Adriana. Cartografias da Pesquisa em Ensino de História. Rio de Janeiro. MAUAD X. 2019.

GABRIEL, Carmem Teresa. “Pesquisa em Ensino de História: desafios contemporâneos de um campo de investigação”. In Cartografias da Pesquisa em Ensino de História. Rio de Janeiro. MAUAD X. 2019.

GUILLEN, Isabel Cristina e JUNIOR, M. “História Local e o Ensino de História”. Das Reflexões Conceituais às Práticas Pedagógicas”. VIII Encontro Estadual de História-ANPUH –BA. Anais. 2016.

LEHER, Roberto. “A Educação no governo Lula da Silva: a ruptura que não aconteceu” IN

FILGUEIRAS, L; CARCANHOLO, M; LEHER, R; LESSA, Carlos; CANO, Wilson et al. Os anos Lula: Contribuições para um balanço crítico. Rio de Janeiro. Garamond. 2010.

REVEL, Jacques. "Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado" Revista Brasileira de Educação. vol. 15 no. 45: set./dez. 2010.